

# NOSSAS PERSISTÊNCIAS HISTÓRICAS: CAMINHOS DAS PEDAGOGIAS DO MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL<sup>1</sup>

Ivan Costa Lima<sup>2</sup>

## Introdução

*A África e a cultura africana funcionam como ponto de partida, como eixo norteador de uma identidade cultural e política. Identidade em que seres comuns seguem reivindicando o direito de ser comuns, criando quilombos, associações, irmandades, terreiros e movimentos negros. Intelectuais de todos os matizes e de todas as artes, da engenharia à filosofia. Observo-os como arte de mim mesmo e recolho do real as experiências. Reflito sobre elas e as estampo em metáfora da narrativa de um contador de casos, de histórias, de fatos, do fazer lembrar como traço da nossa existência e faz nossas persistências.<sup>3</sup>*

Este artigo, parte integrante da tese de doutorado, para mim se caracteriza, em parte, como aquilo que Cunha Júnior escreve acima, uma narrativa da persistência, da história de luta social do Movimento Negro nacional contemporâneo; e da reação por meio de proposições a um padrão cultural ainda persistente no estado brasileiro. Como alguém já escreveu o presente em curso, devedor de um passado tantas vezes estigmatizado, precisa ser historiado, caso os intelectuais críticos pretendam revelar as disjunções raciais permanentes na sociedade brasileira, mas, sobretudo, o sentido dado aos trajetos em que se produziram pedagogias de reflexão de base racial.

Considero que o processo cuidadosamente cerzido por esta pesquisa pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras, gestos, escritos, imagens, mediados por uma maneira minha de refletir sobre este turbilhão dos ativistas do Movimento Negro no Brasil, como bem observa Pereira:

*Não há, porém, mais educativo que o engajamento político. O ter que fazer para haver. Assumir o peso esmagador da “história nas próprias mãos”. Um longo aprendizado, um turbilhão, um processo avassalador, conquistas (os erros e desacertos são apenas lições!) íntimas e coletivas... Mas veio voltando à inquietação, a insatisfação. Questionar os*

<sup>1</sup> Financiamento: CNPq; ANPED/SECAD-MEC; Ação Educativa; Fundação Ford.

<sup>2</sup> Doutor em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Marabá. Membro do Núcleo de Africanidades Cearenses (NACE/UFC) e do Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N'BLAC – UFC/Cariri). Fundador e membro do Núcleo de Estudos Negros (NEN), organização do Movimento Negro de Florianópolis/SC. E-Mail: <dofonos@gmail.com>.

<sup>3</sup> CUNHA JÚNIOR, Henrique. “Africanidade, afrodescendência e educação”. *Educação em Debate*, Fortaleza, ano 23, v. 2, n. 42, 2001, p. 7.

*êxitos, o que (e o como) foi construído, para poder enxergar adiante. Emergir é preciso.*<sup>4</sup>

Fazer emergir, eis o significado do que procurei discutir, ao trazer para a História da Educação as proposições pedagógicas pensadas e exercitadas em seus tempos e lugares, que, no entanto, apesar da distância se entrecruzam e se interpenetram como uma tentativa do Movimento Negro conceber uma resposta ao sistema educacional, e acima de tudo a sociedade brasileira quando o tema é a população negra.

Desta forma essas investigações trazem à tona as trajetórias históricas das pedagogias desenvolvidas por diferentes pessoas e organizações negras no Brasil, que vai do final da década de 70, do século XX, ao início do XXI. Primeiramente, o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB) e a Pedagogia Interétnica (PI), em Salvador (BA), apresentada como dissertação de mestrado, no Programa de Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, em 2004. A segunda, a Pedagogia Multirracial desenvolvida por Maria José Lopes da Silva e um grupo de educadoras no Rio de Janeiro, na década de 80. Em seguida, o desdobramento e novas abordagens desenvolvidas pelo Núcleo de Estudos Negros (NEN) de Florianópolis, com a Pedagogia Multirracial e Popular, no início de 2000, tese defendida em 2009.

O texto estrutura-se na reconstituição das diferentes trajetórias do MN baiano, carioca e catarinense, e como esta mobilização produz diferentes interseções, na educação e sociedade brasileira. Para isso tem-se como base entrevistas semiestruturadas junto aos integrantes do MN, e da análise dos documentos produzidos sobre os temas abordados. A pesquisa teve como referencial teórico-metodológico uma perspectiva sócio histórica<sup>5</sup>, considerando os sujeitos, suas origens e as relações sociais, que se estabeleceram em cada uma de suas trajetórias. Esta visão histórica foi combinada, com o uso da História Oral temática (MEIHY, 2002)<sup>6</sup>, como possibilidade de aprofundar os significados do universo cultural e político dos integrantes deste movimento e seus reflexos nas políticas educacionais no Brasil.

É preciso pensar, ainda, que as lembranças são fragmentos. À medida que ocorrem na vida das pessoas os fatos são desconexos e sem sentido. Quando elas dedicam-se aos “trabalhos da memória”, lembram, reelaboram e dão um sentido aos fatos. A construção de uma narrativa é histórica e culturalmente constituída. Exige uma lógica, um sentido e, conseqüentemente, leva o depoente a pensar, reelaborar e reorganizar sua fala, e ao mesmo tempo seus sentimentos, buscando dar a isso um sentido no presente. Sobre estas observações Couto escreve:

*São elaborações da memória tratando do passado no presente, sem deixar de lado elementos de projeções e expectativas do futuro no presente. Quando um sujeito recorda fatos de seu passado e interpreta-os no presente, essa interpretação não diz respeito somente ao que aconteceu, mas também à maneira como ele gostaria que*

<sup>4</sup> PEREIRA, Amauri Mendes. *Cultura de consciência negra: pensando a construção da identidade nacional da democracia no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000, p. 3.

<sup>5</sup> FENELON, Dea. “Pesquisa em História: perspectivas e abordagens”. In: FAZENDA, Ivani (org.). *Metodologia da pesquisa educacional*. São Paulo: Cortez, 2000.

<sup>6</sup> MEIHY, José C. Sebe Bom. *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

*tivesse sido, e isso tem um significado profundo em sua vida e em sua percepção das possibilidades existentes no futuro.*<sup>7</sup>

Nessa perspectiva busco saber que conhecimentos, informações e dados, acumulados por militantes negros e negras, durante sua trajetória de vida poderiam contribuir para a reconstrução do patrimônio cultural negro brasileiro. A partir dessa questão surgirão outras que irão aparecendo no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

Tem-se que no Brasil, a memória não é valorizada como um modo significativo de se formar referência que orientem escolhas coletivas. A sociedade capitalista destrói os apoios da memória e substitui a lembrança pela história oficial celebrativa<sup>8</sup>. Pensar a questão da memória é pensar as pessoas, suas lutas, militâncias, resistências, manifestações culturais, mas vivemos em uma sociedade histórica que não sabe reconhecer e julgar a sua experiência coletiva.

Trabalhar a memória de militantes negros e negras significa desvendar caminhos, trajetórias e potencialidades de uma parcela influente na história e cultura do país, é contribuir para outra interpretação do que seja a cultura de matriz africana. A memória é vida, é força, é conhecimento armazenado na lembrança, que ao emergir para fora, desvela histórias desconhecidas, no entanto, riquíssimas para se entender a própria vida e o contexto histórico cultural em que se está inserido. Nesse sentido o objetivo da memória é fazer emergir sentidos de vida que não foram registrados e também dizer aquilo que está silenciado. Nessa perspectiva, busco desvelar a memória através de relatos orais de militantes negros e negras, partindo da ideia de que parte da trajetória de vida desses, contribui para a recuperação de sua história individual como também a recuperação da história coletiva do seu grupo racial.

Significa ainda que, para além da questão da lembrança como uma atitude individual, outro aspecto muito significativo da reflexão sobre memória para que Couto<sup>9</sup> chama a atenção é a sua dimensão social. Os sujeitos, ao recordarem, lembram individualmente, mas suas lembranças estão carregadas de experiências sociais compartilhadas por outros sujeitos, uma vez que a vivência, ainda que individual é, sobretudo, uma experiência social.

O universo de pesquisa procurou evidenciar no campo cultural, religioso, social e político, a ação do Movimento Negro, e especialmente os que formularam e desenvolveram as propostas pedagógicas na tentativa de apreender os diversos olhares imbricados na construção de um discurso e de uma prática pedagógica antirracista. Assim como, atentar para o contexto social e político que vai do surgimento destes grupos, os processos de intervenção de suas propostas no espaço escolar, levando em consideração suas possíveis imbricações no âmbito de outros territórios dentro de cada cidade, com isso localizar os momentos mais significativos na trajetória de elaboração e implementação destas pedagogias formuladas em tempos e espaços específicos.

<sup>7</sup> COUTO, Ana M. Silva. “Memória e consciência: narrativas individuais e experiências sociais (trabalhadores urbanos – costumes, práticas e valores)”. *Cadernos do CEOM*, Chapecó, Argos, n. 17, 2003, p. 418.

<sup>8</sup> FRENTRESS, James; WICKHAM, Chis. *Memória social: novas perspectivas sobre o passado*. Tradução de Telma Costa. Lisboa: Teorema, 1992.

<sup>9</sup> COUTO, “Memória e consciência...”, p. 418.

## **A Pedagogia Interétnica (PI), uma ação de combate ao racismo**

Para alcançar os objetivos traçados no mestrado realizei entrevistas na cidade de Salvador, em janeiro e setembro de 2003, tendo como interlocutores: Manoel de Almeida Cruz, Geruza Bispo dos Santos, Lino Almeida, Ana Célia da Silva, Jônatas da Silva e Raimunda Rodrigues.

Dentre esses, cabe destacar Manoel de Almeida Cruz, um dos fundadores do Núcleo Cultural Afro-Brasileiro (NCAB), e principal divulgador da PI, falecido em junho de 2004. Conforme seu depoimento, o intelectual Manoel de Almeida nasceu em 2 de abril de 1950, em um bairro proletário de Salvador, Liberdade, filho de um operário da construção civil e de uma empregada doméstica. Sua trajetória no ensino formal foi irregular, levando-o a partir dos 14 anos de idade a tornar-se autodidata. Em seguida, interessa-se pela sociologia, entrando em contato com Guerreiro Ramos, proeminente sociólogo do ISEB (Instituto Sociológico de Estudos Brasileiros), esse encontro, segundo seu depoimento “*despertou do ponto de vista intelectual a minha consciência negra no Brasil, aliado também a minha vivência de negro baiano, o negro tem uma presença marcante e significativa [na Bahia], contudo é um dos estados mais racistas da União*”<sup>10</sup>. O reconhecido enquanto sociólogo se dá a partir de 1985, com a regulamentação da profissão no Brasil, Manoel credencia-se a obter esse título levando-se em consideração inúmeros artigos escritos sobre o tema das relações raciais. Ao mesmo tempo, submete-se e é aprovado no mestrado em sociologia na UFBA. Em sua trajetória de ativista vai esta a frente de diferentes ações procurando investigar e agir no debate das relações raciais, chegando à constituição de uma organização, o Núcleo Cultural Afrobrasileiro (NCAB).

O NCAB surgiu em 1º de agosto de 1974, segundo seus fundadores foi à primeira organização do Movimento Negro na Bahia, numa perspectiva de ação política, no questionamento da situação dos negros em Salvador, tendo em vista os vários espaços de mobilização de seus vários membros. O espaço que propiciava o desenvolvimento do debate de outra forma de ação política, num momento de repressão, foi encontrado junto ao Centro Cultural Brasil – Alemanha, com apoio na figura de seu diretor Roland Schaffner:

*Em agosto de 1974, nós procuramos nesta época, era época da ditadura, e o único espaço aberto aqui na Bahia que nós tínhamos era justamente o Instituto Goethe, também conhecido como Instituto Cultural Brasil-Alemanha. Intelectuais progressistas afluíam para este ponto, e de repente surgiu esta ideia de se criar uma instituição mútua cultural para refletir sobre a cultura negra, o negro na sociedade brasileira... Então me associei a Roberto Santos, Manoelito dos Anjos, Atolenildo Ferreira de Santana, Jorge Milton Conceição, e procuramos o diretor do Instituto Cultural Brasil-Alemanha e ele cedeu provisoriamente às instalações para que nós nos reuníssemos e aí a gente começou a fazer uma série de reuniões e formalizamos*

---

<sup>10</sup> Entrevista concedida em setembro de 2003.

*legalmente o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro.*<sup>11</sup>

A perspectiva do NCAB, como organização de tipo novo, era uma releitura da herança africana, diferenciando-se do que os setores hegemônicos da sociedade baiana e da academia entendiam sobre a cultura afro-brasileira. Foi desta forma que a imprensa local noticiou o seu surgimento:

*Com o objetivo de estudar, pesquisar e difundir a cultura afro-brasileira, de maneira menos acadêmica e sem vínculos religiosos, um grupo de onze jovens acaba de criar o Núcleo Cultural Afro-Brasileiro, com sede provisória no Instituto Cultural Brasil-Alemanha. A curto prazo, pretende a entidade implantar um curso de Yorubá – língua ainda falada em alguns Terreiros de Candomblé da cidade. A longo prazo, estudos do processo de integração do negro na sociedade brasileira.*<sup>12</sup>

Seus membros tinham grande preocupação em tematizar às relações raciais, a partir da crítica da “democracia racial” e da naturalização do lugar do negro na sociedade brasileira. Esta crítica era alicerçada não apenas pela luta cultural, mas pela via do conhecimento científico e da trajetória de vida cada um dos seus membros, como também “[...] em face de uma necessidade que nós tínhamos de formularmos uma teoria que desse resposta a esse processo de alienação e de exclusão que o negro vivenciava na estrutura educacional brasileira”<sup>13</sup>.

A construção da Pedagogia Interétnica se deu a partir dos acúmulos das ações promovidas pelo NCAB, que nominava sua teoria como educação interétnica. A mudança para pedagogia ocorreu pela percepção dos integrantes do NCAB, de que falar em educação seria muito abrangente. Pedagogia significaria a possibilidade de melhor sistematizar a proposta, a partir de métodos e técnicas como diferente resposta da história e cultura dos afro-brasileiros para os sistemas de ensino. Destaca-se uma pesquisa sobre o preconceito racial contra o negro desenvolvida na cidade de Salvador, no ano de 1975, como base para a formulação de um sistema de educação interétnica. Neste sentido, estes argumentos colocaram o debate educacional não só como causa, mas, também, como resposta ao desafio do combate ao racismo:

*[...] surgiu à ideia de uma intervenção no processo educacional, a partir de nossos estudos e pesquisas nós detectamos que o preconceito racial e o racismo eram transmitidos pelo processo educacional, e só uma intervenção sistemática poderia dar uma resposta mais científica e positiva com relação a este fenômeno [...] veja bem, a escola é um dos fatores, há a família, a própria comunidade, os meios de comunicação social que integram todo este complexo que formam fatores transmissores de preconceito racial e estereótipos.*<sup>14</sup>

<sup>11</sup> Manoel de Almeida, entrevista concedida.

<sup>12</sup> *Diário de Notícias*, 1º ago. 1974

<sup>13</sup> Lino Almeida, entrevista concedida.

<sup>14</sup> Manoel de Almeida, entrevista concedida.

Em 1985, realizou-se o I Seminário de Pedagogia Interétnica, cujo programa trouxe os objetivos da então chamada PI, que aglutinava a pesquisa do etnocentrismo e a transmissão destes valores pelo processo educacional. A novidade era a elaboração de maneira sucinta, da estrutura básica dos cinco pilares da PI, de métodos recomendados de combate ao racismo, procedimentos metodológicos e a concepção da necessidade de construção de um currículo baseado nos valores e na cultura dos grupos étnicos dominados, assentado na questão da educação do negro e na questão da educação do índio.

A partir destes processos de atuação do NCAB tem-se o lançamento do livro: *Alternativas para combater o racismo: um estudo sobre o preconceito racial e o racismo, uma proposta de intervenção científica para eliminá-los*, em 1989, escrito e editado por Manoel de Almeida Cruz.

Esta obra sistematizou os referenciais teóricos da PI, e aglutinou o que já havia sido desenvolvido nos seminários anteriores e na divulgação da proposta pedagógica em vários encontros<sup>15</sup> pelo Brasil. Aqui a PI amplia e desenvolve considerações tanto sobre o negro quanto o índio, e apresenta como um de seus objetivos:

*A pedagogia interétnica tem como objetivo fundamental o estudo e a pesquisa do etnocentrismo, do preconceito racial e do racismo transmitidos pelo processo de socialização ou educacional (família, comunicação, escola, sociedade global e meios de comunicação social), além de indicar medidas educativas para combater os referidos fenômenos.*<sup>16</sup>

Além disto, esta pedagogia propõe o uso de outras linguagens para discutir o significado da discriminação racial,

*[...] recomenda uma linguagem total (escola, teatro, imprensa, rádio, história em quadrinhos, pôster, cine, TV, vídeo, palestras) como um meio de mudança de atitudes preconceituosas e discriminações raciais, propondo ainda uma intervenção sistemática na área da educação formal, a partir da elaboração de um currículo escolar baseado nos valores dos grupos étnicos subalternos.*<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Temos registrado, na década de 1980, as seguintes participações onde foi divulgada a PI: VI Simpósio de Estudos e Pesquisa em Educação: UFBA/FACED: 18 a 22 de outubro de 1982; Encontro Nacional Afro-Brasileiro, realizado pelo Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 1982, e publicado no *Caderno de Estudos Afro-Asiáticos* 8-9, 1983, Conjunto Cândido Mendes/RJ; II Encontro Nacional sobre a Realidade do Negro na Educação, promovido pela Sociedade Recreativa Cultural Floresta Aurora, Porto Alegre, 1985; Seminário “O Negro e a Educação”, promovido pelo Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra do Estado de São Paulo, organizado pela Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 1986. Resultou na publicação “Raça Negra e Educação”, *Cadernos de Pesquisa*, n. 69, novembro de 1987; Seminário “Educação e Discriminação dos Negros”, promovido pela Fundação de Assistência do Estudante e o Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro, 1987. A publicação foi organizada por Regina Lúcia Couto de Melo e Rita de Cássia Freitas Coelho. Belo Horizonte, Instituto de Recursos Humanos João Pinheiro, 1988.

<sup>16</sup> Cf. CRUZ, Manoel de Almeida. *Alternativas para combater o racismo: um estudo sobre o preconceito racial e o racismo - Uma proposta de intervenção científica para eliminá-los*. Salvador: Edição do Autor, 1989, p. 51.

<sup>17</sup> CRUZ, Manoel de Almeida. *idem*, 1989, p. 51.

A estratégia apresentada, de disseminação da PI estava estruturada em dois blocos: o primeiro busca conceituar os usos, os sentidos e os estudos realizados até este período sobre as ideias de raça, preconceito, discriminação, etnia e cultura – aqui a ideia é atualizar o debate destas categorias à luz das Ciências Sociais, principalmente a Sociologia e a Antropologia; o segundo bloco busca apresentar, sistematicamente, como se estrutura a PI, a partir da utilização de procedimentos e métodos que assim se apresentam:

- **Psicológico** – estuda os complexos de inferioridade da pessoa negra, o de superioridade da pessoa branca e o processo de auto rejeição do negro, além de indicar medidas teóricas e práticas de caráter psicoterapêutico, visando à mudança de atitudes preconceituosas contra o negro em nossa sociedade.
- **Histórico** – investiga as raízes históricas do preconceito racial e os fatores que levaram este ou aquele grupo étnico a se desenvolver mais do que outro, além de propor uma revisão crítica da historiografia do negro brasileiro.
- **Sociológico** – estuda a situação socioeconômica do negro em nossa sociedade, investigando as causas histórico-sociológicas que determinaram a sua marginalização na estrutura social estabelecida.
- **Axiológico** – discute a dominação a partir da imposição de valores estéticos, filosóficos e religiosos de um povo sobre outro e, assim, fornece subsídios para corrigir essas distorções provocadas pela dominação dos valores ocidentais sobre os demais grupos étnicos do País e no Mundo.
- **Antropobiológico** – analisa as “teorias” pseudocientíficas da superioridade racial, desmistificando-as de acordo com as pesquisas da Antropologia atual.

No decorrer desta apresentação Cruz traz considerações acerca de cada um destes métodos e procedimentos, situando o leitor nas concepções e nos debates que devem ser travados para a consecução desta proposta pedagógica<sup>18</sup>. Até este momento, a PI apresentada constrói seu arcabouço conceitual baseado em apropriação do que as Ciências Sociais vêm produzindo. É a partir da apresentação da questão do índio e do negro que a proposta situa a luta dos movimentos sociais, de leis e propostas para a construção de um currículo interétnico.

Para dar conta destes conhecimentos vai propor como didática interétnica uma postura de natureza crítica e emancipatória, tendo como metodologia o ensino/pesquisa, de caráter participativo tendo como foco a transformação social. É interessante observar que os conteúdos apontados são reivindicações há muito tempo protagonizadas pelo movimento negro no Brasil, que notadamente apenas no século XXI transformam-se em políticas públicas para os sistemas de ensino.

Por fim, posso caracterizar a PI como uma construção eminentemente sociológica, que contribuiu na crítica da construção de raça como fator biológico. Ao se apropriar do conceito de etnia, enfatiza-se seu uso por outros povos em conflitos étnicos, conforme afirmava Manoel:

*Primeiro, que a gente viu o seguinte, somos negros, somos*

---

<sup>18</sup> Devido ao limite deste artigo, ver este debate em: CRUZ, *Alternativas...*, p. 51-101.

*discriminados, mas ao lado do negro tem outros grupos étnicos que também são discriminados, por exemplo, o índio, o próprio cigano, então a nossa pedagogia não ficou centrada somente na raça negra, não é uma pedagogia, como prega Maulana Karenga lá nos Estados Unidos, afrocentrada ou afrocentrista, a nossa pedagogia é interétnica, pode ser aplicada em qualquer parte do mundo onde haja conflitos entre etnias, quando digo etnias, envolve raça e cultura.*<sup>19</sup>

Em meus estudos noto como maior preocupação o caráter de intervenção no processo educativo, já que a PI se apresentou como resposta científica no combate ao racismo dentro desses espaços, com isso pretendia-se intervir em todas as esferas do processo educativo, do currículo até a formação de professor/a.

Foi esse caráter de intervenção, que levou a PI a buscar outros espaços educativos<sup>20</sup> a fim de afirmar as suas bases teórico-metodológicas, numa conjuntura em que a legislação educacional foi abrindo brechas para a cultura afro-brasileira<sup>21</sup>.

### **Pedagogia Multirracial se apresenta à Cidade Maravilhosa**

Com a finalidade de melhor conhecer o campo de pesquisa realizei entrevistas exploratórias na cidade do Rio de Janeiro, em julho de 2005, como tarefa inicial para a primeira qualificação no doutorado.

Estive com pessoas ligadas a constituição do movimento negro carioca, como também contei com o depoimento da principal responsável pela elaboração da Pedagogia Multirracial. Entre os que estavam listados por ocasião da orientação, obtive nesta primeira incursão depoimentos com Ivanir dos Santos, Amauri Mendes Pereira e Maria José Lopes da Silva. Além das várias informações fornecidas, cada um dos colaboradores/as contribuiu em indicar outras pessoas relevantes para a compreensão do universo de atuação do MN no Rio de Janeiro, na década de 70 em diante.

No ressurgimento do MN no Rio de Janeiro, na referida década, percebemos que as lutas contra a discriminação racial são permeadas pela vigilância dos aparelhos repressivos. Com isso, a questão cultural será muitas vezes enfatizada mais do que diretamente a questão racial, como estratégia para driblar a ditadura existente. Nesse quadro, o que caracteriza o movimento neste período é a promoção da autoestima, a partir de elementos estéticos e culturais.

Nos anos seguintes, houve a necessidade de uma maior politização das atividades, das ideias de participação política dentro dos canais tradicionais contra o regime militar, como os partidos políticos (Ivanir dos Santos, entrevista concedida).

Maria José está na confluência destes eventos, que buscava afirmar o movimento negro como força social, desembocando na década seguinte na proposição da Pedagogia Multirracial, por diferentes processos. Para este artigo, destacamos o primeiro processo, ligado a sua prática profissional, o que a leva a perceber no

<sup>19</sup> Manoel de Almeida, entrevista concedida.

<sup>20</sup> Aqui se refere ao processo de implementação da PI na Escola Criativa Olodum, ligada ao Bloco Cultural Olodum, em 1993, e na Escola Municipal Alexandrina dos Santos Pita, em 1994.

<sup>21</sup> Aqui se refere aos Parâmetros Curriculares Nacionais que entre outros temas transversais propôs a discussão da diversidade.

espaço da escola uma trajetória de exclusão e elevada reprovação de alunos negros, e em consequência a falta de discussão sobre estas questões e as relações raciais.

*O processo primeiro foi a minha prática educacional, eu era professora do estado e do município e lidava com comunidade popular o tempo todo. E me vi diante de alunos negros que eram reprovados como moscas, absolutamente reprovados, não tinham menor sucesso, a gente reprovava assim com tranquilidade [...] era um negócio, era uma fábrica, como até hoje de exclusão, e com uma falta de sensibilidade do professorado muito grande, o professorado ele reprovava e não parava para pensar porque ele tava reprovando, ele não para pra perceber que na verdade não é o aluno que está reprovando, e ele que está se auto reprovando [...] o professor não tem esta sensibilidade, não tem esta percepção.<sup>22</sup>*

Para ela, uma das dificuldades mais sérias reside sobre a realidade educacional brasileira, a ausência de subsídios para desencadear tal discussão entre os professores. Procura chamar a atenção para que valores culturais demarcam este sistema, tendo em vista que “a cultura assim reproduzida é a cultura dos grupos privilegiados, branca e eurocêntrica, o êxito escolar será função do capital humano adquirido por meio de uma pedagogia implícita”. Portanto, na elaboração da Pedagogia Multirracial vai chamar a atenção para a necessidade de evidenciar o pertencimento racial como dado fundamental na análise do debate sobre o fracasso escolar.

Para este artigo interessa o depoimento com Maria José Lopes, linguista, educadora das redes municipal e estadual de ensino, militante do MN, atualmente aposentada. A sua narrativa indica que as experiências familiares, educacional e os vínculos institucionais, são elementos que vão conformar o quadro que levam a elaboração da Pedagogia Multirracial. Para ela, o processo primeiro está ligado à prática profissional, como professora municipal e estadual, o que a leva a perceber no espaço da escola uma trajetória de exclusão e elevada reprovação de alunos negros, e em consequência a falta de discussão sobre estas questões e as relações raciais.

O segundo elemento foi a partir da experiência pessoal, enquanto aluna negra no ensino particular, lugar de pouquíssimo ou nenhuma presença negra naquele momento no Rio de Janeiro. Esta vivência de ser “*rigorosamente vista, observada, eu não era acalentada, eu não era acarinhada, eu nunca tomei um carinho de uma professora*”<sup>23</sup> contribui para pensar em mudanças no currículo e na escola em relação aos negros.

*Uma foi a minha própria vivência como aluna dentro de sala de aula, que foi muito dura minha trajetória, foi muito dura, até porque minha família, imaginado me dar o melhor, apesar do que falei antes, que fui de uma geração que a escola pública era considerada melhor, mas a minha família sempre querendo me dar o melhor, do melhor, me colocou*

---

<sup>22</sup> Cf. entrevista.

<sup>23</sup> cf. entrevista concedida.

*na escola particular, desde o primário, eu nunca estudei em escola pública, eu fui ingressar numa instituição pública só na universidade. E porque, porque a instituição pública era a melhor, então eu fui pra federal, mas ate então só estudei nas melhores escolas particulares, estudava nas escolas de brancos [...] as professoras tratam as crianças na escola pública como filhos, acaricia e botam no colo e dão beijinho, eu, por exemplo, nunca, tive essa experiência e foi assim pelo antigo ginásial.<sup>24</sup>*

O terceiro elemento que completa esse processo de elaboração, é a politização a partir da participação partidária de esquerda e na militância negra:

*[...] e aí entra o Movimento Negro como um momento de politização na minha vida... de perceber o seguinte porque a esquerda, a esquerda convencional, nos discutíamos muito educação, sobre a ótica da esquerda eu discuti muitos autores, quer dizer, eu recebi essa informação também. Mas acontece que com um viés do Movimento Negro, um outro tipo também de crítica perpassou também esse discurso de esquerda que eu tinha de educação, que era o discurso progressista, etc e tal. Eu fui percebendo que o discurso de esquerda clássica, as classes populares, elas não tem cor, não elas não tem cor, então a questão do racismo, ela não se colocou de maneira clara, contundente e já no discurso do MN, quando o MN formula as suas diagnoses sobre a situação do aluno negro na sala de aula, era um viés totalmente novo, há um viés totalmente outro, eu me aproprio deste aparato...<sup>25</sup>*

Assim como e a experiência educacional nos países em processo de descolonização da África, como Angola e Moçambique. Processo que alimenta a discussão, no dizer de Fanon<sup>26</sup>, sobre o estatuto colonial, e sua consequência no projeto de libertação.

*A minha passagem pela sala de aula na África porque eu fui trabalhadora de educação em países africanos de língua portuguesa e durante os anos de reconstrução da África e aquele tipo de sala de aula me ajudou muito [...] Eu estava trabalhando basicamente com alunos negros recém-saídos de um processo colonial.<sup>27</sup>*

Assim argumenta que o compromisso com as classes trabalhadoras, de onde vem a maioria dos alunos da escola pública, obriga a explicitar os mecanismos de que se valem os donos do poder para mascarar a discriminação racial, quando pretendem vincular emprego e escola de modo imediato. Não há como analisar

<sup>24</sup> cf. entrevista concedida.

<sup>25</sup> Maria José, entrevista concedida.

<sup>26</sup> FANON, Franz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

<sup>27</sup> Maria José, entrevista concedida.

o sistema educacional brasileiro sem desmistificar o modelo econômico altamente concentrador e excludente vigora em países periféricos como o Brasil.

A depoente ressalta ainda que a experiência de dirigir um projeto<sup>28</sup> na rede municipal do Rio de Janeiro, em 1982 foi outra influência determinante para o seu trabalho. A Pedagogia Multirracial em seu desenvolvimento vai indicar a necessidade de se trabalhar na construção da identidade do brasileiro, com especial atenção ao patrimônio cultural e histórico alicerçados em padrões civilizatórios africanos.

*É de fundamental discutir que os valores africanos de cultura estão presentes tanto na religião, quanto nas artes, na organização social, na história e na visão de mundo dos brasileiros. As culturas negras estão profundamente internalizadas no “inconsciente coletivo” do homem brasileiro, independente de raça, cor, ou classe social. A maneira de ser, de pensar e agir do brasileiro reproduz, em muitos aspectos, o modelo cultural e comportamental dos africanos. A própria língua que falamos é um português africanizado e/ou um aportuguesamento das línguas e falares africanos.<sup>29</sup>*

Este aspecto civilizatório é bastante ressaltado nos documentos da Pedagogia Multirracial, tendo em vista que os debates em torno da “cultura nacional” têm-se caracterizado pelo recalçamento do processo civilizatório levado a cabo no continente africano.

O início da elaboração da Pedagogia Multirracial é marcada por debate onde as referências iniciais giravam em torno do multiculturalismo, teoria com mais evidência naquele momento. De suas diferentes vertentes, Maria José se alinha aquela cuja doutrina se centrada no respeito à diferença como a mola mestra no combate as desigualdades raciais, o multiculturalismo crítico<sup>30</sup>. Do ponto de vista da educação popular como um elemento importante na estrutura da Pedagogia Multirracial, terá como aporte o trabalho de Paulo Freire, em conjunto com o processo de educadora em África, Maria José nos conta:

*O Paulo Freire também foi importantíssimo nessa formulação. A minha passagem pela sala de aula na África porque eu fui trabalhadora de educação em países africanos de língua portuguesa e durante os anos de reconstrução da África e aquele tipo de sala de aula me ajudou muito[.] Então, veja bem, eu trouxe o Paulo Freire, pois o Paulo*

<sup>28</sup> Projeto Zumbi dos Palmares, conforme se lê em Ferreira (1987, p. 72): “O projeto tem como objetivo: deflagrar um processo de reconhecimento da cultura afro-brasileira como parte integrante da política cultural da Secretaria de Educação, de modo a promover a incorporação do saber emanado desta cultura no currículo escolar.” Neste mesmo documento temos a informação de que o projeto atingiu, até 1986, 100 escolas e 42 CIEPS (Centros Integrados de Educação Pública). FERREIRA, Vanda de Souza. “Projeto Zumbi dos Palmares”. *Raça Negra e Educação – Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, n. 63, nov. 1987, p. 72-73.

<sup>29</sup> SILVA, Maria José Lopes da. “Pedagogia multirracial”. *NEN: As idéias racistas, os negros e a educação*. Florianópolis/NEN, n. 1, 1997, p. 30.

<sup>30</sup> MCLAREN, P. *Multiculturalismo crítico*. Tradução de Bebel Orofino. São Paulo: Cortez, 1997.

*Freire nesta época tava andando na África também, ele tava na Guiné Bissau, e a gente tinha notícias dele trabalho na Guiné Bissau, e eu me lembro que o trabalho dele na sua experiência na Guiné Bissau, esse trabalho veio parar nas minhas mãos [...] a sala de aula dele que não era muito diferente da que eu tinha em Moçambique, mas como ele tava lidando<sup>31</sup> lá com aquela realidade, como nos estávamos lidando aqui, então tudo isso somou, entendeu.* <sup>31</sup>

No Brasil, diferentes frentes e estudiosos do MN contribuem para este referencial. Reconhecer tais autores como importantes no processo de elaboração da pedagogia multirracial, possibilita entender a escola como um campo de batalhas políticas. No entanto, Maria José vai chamar à atenção que estes estudos não são suficientes, para moldar as bases da pedagogia pretendida, em função dos seus limites como respostas às demandas colocadas pelo movimento negro naquele momento. Para tanto, vai buscar o referencial de África como elemento dinamizador da pedagogia.

Com isso, vai indicar como estruturante para a pedagogia multirracial um autor que considera de fundamental importância no coroamento que buscava situar sua proposta pedagógica, a figura de Molefi Asante<sup>32</sup>. Seu debate crítico gira na discussão do afrocentrismo, cujo foco é “corrigir o sentido de lugar da pessoa negra e de outro tecemos a crítica do processo e extensão do deslocamento criado pela dominação cultural, econômica, e política pela Europa”.

Para Maria José interessa como acúmulo fundamental para a pedagogia multirracial pensar este deslocamento, defendido por Asante, como não excludente. Ela vai defender “*uma filosofia orientadora do trabalho pedagógico a ser desenvolvido: a construção de uma visão não-etnocentrada do conhecimento*”<sup>33</sup>. Para ela centrar no universo africano não significa substituição, como procura explicitar na sua fala sobre a influência desta teoria para os propósitos da proposta pedagógica em formatação.

Pode-se dizer que este é um processo, mesmo sem está explicitado, que nos remete a uma dialética cuja centralidade encontra-se em diferentes formas do processo civilizatório africano. Pode-se ver sobre isto em Cunha Júnior<sup>34</sup>, ao introduzir o itan<sup>35</sup> sobre a narrativa do orixá Exú, como um preâmbulo a dialética africana. Parece-me evidente um esforço em colocar outros conceitos e conteúdos para a ideia de elaboração e transmissão da cultura de maioria africana.

Alicerçada por todas estas referências a Pedagogia Multirracial aponta como pontos fundamentais para seu desenvolvimento, o combate à democracia racial, ter a escola como um espaço de superação das desigualdades raciais, seja do ponto de vista de seus conteúdos, das metodologias educacionais até aos processos de

<sup>31</sup> Maria José, entrevista concedida.

<sup>32</sup> Molefi Kete Asante é americano, doutor em Comunicação pela Universidade da Califórnia, fundador da teoria afrocentrista

<sup>33</sup> SILVA, Maria José Lopes da. Pedagogia multirracial. *NEN: As idéias racistas, os negros e a educação*. Florianópolis/NEN, nº 1, 1997, p. 32. (Série Pensamento Negro em Educação).

<sup>34</sup> CUNHA JR., Henrique. “Conceitos e conteúdos nas culturas africanas e afrodescendentes”. In: COSTA, Sylvio G. & PEREIRA, Sonia (orgs.). *Movimentos Sociais, educação popular e escola: a favor da diversidade*. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p. 75.

<sup>35</sup> Itans são narrativas orais elaboradas em diferentes regiões do continente africano, onde se transmitem elementos históricos, culturais e sociais de determinado povo.

avaliação. A Pedagogia Multirracial implica, portanto:

- 1) *Trabalhar o patrimônio cultural e histórico dos grupos étnicos excluídos numa perspectiva transdisciplinar, ou seja, em cada um dos componentes curriculares, pois é através do universo simbólico que a escola mantém os valores racistas da sociedade abrangente;*
- 2) *Incluir nos currículos do pré-escolar ao segundo grau, nos currículos dos cursos de formação de professores (antigo Normal), nos currículos do ensino de jovens e adultos (suplência), nos currículos das faculdades de educação e demais licenciaturas, o saber fundamentado nos referenciais do povo brasileiro, sem excluir nenhuma contribuição.*<sup>36</sup>

Para a Pedagogia Multirracial, é de fundamental discutir a dimensão que o continente africano marca com seus diferentes valores a nação brasileira;

*Os valores africanos de cultura estão presentes tanto na religião, quanto nas artes, na organização social, na história e na visão de mundo dos brasileiros. As culturas negras estão profundamente internalizadas no “inconsciente coletivo” do homem brasileiro, independente de raça, cor, ou classe social. A maneira de ser, de pensar e agir do brasileiro reproduz, em muitos aspectos, o modelo cultural e comportamental dos africanos. A própria língua que falamos é um português africanizado e/ou um aportuguesamento das línguas e falares africanos.*<sup>37</sup>

Em 1989, os fundamentos desta proposta são publicizados, onde o documento da Pedagogia Multirracial apresenta-se em dois grandes tópicos. No primeiro trata dos Fundamentos Teóricos da Pedagogia Multirracial, onde se subdivide em: redação de objetivos e perspectivas, redação dos fundamentos filosóficos e metodológicos, revisão e organização. O segundo tópico destina-se à chamada parte específica. Nesta parte equipes de educadores e educadoras organizam propostas de reflexão e intervenção por áreas específicas, a saber: alfabetização, curso de Formação de professores, ensino Supletivo, História e Integração social. Ainda há mais duas equipes neste tópico responsáveis pela revisão e organização das referências bibliográficas.

A colaboradora vai situar que a Pedagogia Multirracial é uma proposta datada, já que não foi incorporada por inteiro nos processos escolares no Rio, tornando-se uma referência teórica para outros lugares, muito especialmente na cidade de Florianópolis/SC.

### **O NEN e a Pedagogia Multirracial e Popular ao sul do país**

Para contextualizar o surgimento da pedagogia e multirracial e popular, em Santa Catarina, selecionei documentos escritos existentes no Núcleo de Estudos Negros (NEN), localizando informações do contexto da luta antirracista no estado.

<sup>36</sup> SILVA, M. J. Lopes da. Pedagogia multirracial. In: NEN. *As ideias racistas, os negros e a educação*. Florianópolis/NEN, nº 1, p. 28, 1997. (Série Pensamento Negro em Educação).

<sup>37</sup> SILVA, M. J. L. idem, 1997, p. 30.

Posteriormente, colhemos depoimentos dos militantes<sup>38</sup> do MN em Florianópolis, e dos integrantes do NEN<sup>39</sup>, mais diretamente da educação.

De maneira geral, no estado existem praticamente em todos os municípios catarinenses, entidades, grupos, associações e clubes, que despontaram com maior visibilidade a partir dos anos 80, do século XX, contribuindo para a luta antirracista, e que ainda necessitam de novas e aprofundadas pesquisas.

A Pedagogia Multirracial e popular surge como iniciativa do Núcleo de Estudos Negros (NEN), entidade que emerge na cena pública catarinense, na capital Florianópolis no ano de 1986. É fruto de uma série de discussões iniciadas por debates informais entre ativistas sem vínculos organizativos e de antigos membros de outros grupos organizados.

Os debates eram animados pela crítica ao papel do Estado, como partícipe na perpetuação das desigualdades sociais e a necessidade de políticas públicas à população negra. Em vista o quadro diferenciado de formações, os integrantes do NEN optaram por se organizar em comissões de trabalho, que abrigassem as diferentes atuações. Esta fase inicial, que vai de 1986 a 1994, o NEN atuou fortemente em estruturar suas ações no estado de Santa Catarina, a partir de um trabalho militante e voluntário de seus membros.

De 1994 a 2000, marca a fase de consolidação do NEN, tanto pela ação política, quanto pelo financiamento da Fundação Ford a este trabalho em Santa Catarina. Momento onde surgem os programas: *Justiça e Desigualdades Raciais*, cujo objetivo é atender as vítimas de violência racial e da capacitação de lideranças comunitárias em direitos humanos e cidadania e operadores jurídicos na busca de instrumentos legais sobre o direito. *Mulheres*, logo depois, em promover políticas públicas na perspectiva de gênero e raça, e ações no campo da saúde reprodutiva e sexualidade, mercado de trabalho e violência doméstica; e o *Programa de Educação*, que objetiva capacitar educadores na compreensão das relações raciais na sociedade e nos sistemas de ensino.

Este momento marca o processo que tornou o NEN uma referência. Por um lado, nos debates públicos sobre justiça e desigualdades raciais. E por outro lado, ao consolidar nos sistemas de ensino, uma estratégia diferenciada sobre o tema negro e educação. Avalio que tenha sido pelo acerto em função do foco definido pelo programa, que aliava experiências até então acumuladas por seus membros, com um olhar para o espaço da escola. Ou seja, definimos o educador como o centro de nossa intervenção, na preparação de material didático-pedagógico e na discussão do currículo como arena de luta sobre a história e a cultura do negro no Brasil. Nesse processo, é importante ressaltar, que estamos na vigência do mandato do vereador Márcio de Souza, na Câmara Municipal. Tendo como assessoria uma integrante do NEN, Jeruse Romão, é aprovada a lei que institui a inclusão do conteúdo história

---

<sup>38</sup> Foram entrevistados do movimento negro: Jeruse Romão, Centro de Referência de material Didático Afro-brasileiro, fundadora e ex-integrante do NEN; Valmir Ari Brito, do grupo de capoeira Ajagunã de Palmares; Vanda Pinedo, do Movimento Negro Unificado; Marcio de Souza, vereador e ativista negro, fundador do NEN; Márcia Pereira, microempresária, ex-integrante do Grupo de União e Consciência Negra; e do movimento de mulheres negras Arilda Cerqueira e Vera Fermiano.

<sup>39</sup> Do programa de educação: Joana dos Passos, José Nilton, Adilton de Paula, e o ex-coordenador geral João Carlos Nogueira.

afro-brasileira nos currículos das escolas municipais de Florianópolis, em 1994<sup>40</sup>. Leis de igual teor serão acatadas por cidades como Itajaí, em 1993 e Criciúma, em 1999, com uma intervenção decisiva do programa de educação na interlocução junto a estas casas legislativas a fim de viabilizar suas respectivas aprovações.

Tendo o respaldo da lei, o programa de educação vai atuar fortemente no processo de implantação e de formação dos educadores sobre o tema. Para tanto, desafiados pelos educadores quanto à ausência de subsídios para este trabalho, desenvolveram-se suportes. Portanto, neste período de consequência à uma série de publicações entre eles do *Jornal Educa-Ação Afro*<sup>41</sup>. Inicialmente, este material se dirigia à rede municipal de Florianópolis, que atravessa um processo de reorientação curricular. Posteriormente, o jornal se reestrutura e vai ter circulação nacional, com sistema de assinatura para apoio à sua continuidade. Nesta mesma linha tem-se a produção de bonecos, fantoches e jogos com enfoque na história e cultura negra. Estas iniciativas, juntamente com a constituição de uma biblioteca temática, contribuem em estruturar dentro do NEN um acervo, que vai ser paulatinamente aberto ao público interessado.

Do mesmo modo aparece a série de cadernos *Pensamento Negro em Educação*<sup>42</sup>, como afirmação da existência de uma reflexão já aprofundada sobre o tema negro e educação no Brasil. Além disso, tenho várias participações e organizações de seminários, debates, oficinas de formação, com especial atenção a intervenção junto à secretaria de educação em Florianópolis no processo de redefinição de um novo currículo para o município. Assim como, a ampliação deste debate para o sul do Brasil ao propor uma rede de educadores da região, na temática sobre o negro e educação, que posteriormente desemboca na produção de pesquisa sobre esta temática na região. Foram momentos intensos, de pensar, discutir, planejar executar e divulgar conjuntamente, com poucos integrantes e ainda assim com poucos recursos, a luta de combate ao racismo no sul do país.

Na educação, a partir de 2000, houve na trajetória de construção da pedagogia dois movimentos que impulsionaram o NEN: primeiro uma exigência interna em sistematizar a sua significativa experiência educativa numa proposição; segundo uma exigência externa pelo reconhecimento do NEN como a organização do MN com capacidade técnica e política a ser consolidado numa proposição. Para Joana Passos

*Então a gente também se coloca para o debate, eu acho que mais que uma demanda, é uma exigência que nos tínhamos, que a entidade tinha com ela mesma, como uma obrigação, ah, tá na hora da gente dizer o que a gente quer de fato com educação. E pensando pra além da escolarização, que onde eu acho que a gente consegue avançar, porque pensar pra além da escolarização e agregando a questão de raça, classe e gênero. Que pra mim são os pilares pra pensar a*

<sup>40</sup> NEN. *Multiculturalismo e a pedagogia multirracial e popular*. Florianópolis/NEN, n. 8, 2002.

<sup>41</sup> O jornal é editado a partir de 1995, com uma periodicidade trimestral, pelo Programa de Educação do NEN, e continua a circular até o presente momento.

<sup>42</sup> Cadernos de textos produzidos a partir de 1997, pelo Programa de Educação do NEN, a fim de subsidiar os educadores sobre o tema das relações raciais, cultura e história da população negra. Inicialmente com uma periodicidade semestral, que vai do número 1 ao 8. Hoje continua a ser publicado de forma não contínua.

*PM e P hoje, além de pensar todo o contexto da educação popular e os princípios teórico-metodológicos e trazer pra dentro a questão racial.*<sup>43</sup>

O NEN com diferentes trajetórias dos membros que compunha o programa de educação buscou traçar os encaminhamentos que consideravam indispensáveis a formulação da pedagogia: a retomada da argumentação teórica produzida por Maria José Lopes; debates internos a fim de equalizar diferentes concepções; e estratégias de socialização dos acúmulos estabelecidos no processo de formação interna para este exercício de concepção de uma proposta pedagógica. Esta percepção de retomada dos alicerces da pedagogia a partir do que fora traçado no Rio de Janeiro é indicado na fala de Adilton de Paula:

*Precisamos deixar nítido que o NEN não é o formulador da Pedagogia Multirracial. Pedagogia Multirracial surge centralmente com a Maria José, a partir dali, dos estudos também que ela já vinha dialogando com a pedagogia interétnica, do Manuel e com outras figuras. Então a grande contribuição, inclusive, que se resgatou no Colóquio Pensamento Negro em Educação 2006, foi a de Maria José como uma das grandes formuladoras da Pedagogia Multirracial, e inclusive, com disposição dela de fazer uma revisão e um diálogo com a questão popular.*<sup>44</sup>

No campo educativo afirma sua relação com os sistemas de ensino, tomando-os como tema de estudo, reflexão e intervenção, que inicialmente aconteciam atendendo as demandas isoladas de professores, estudantes ou escolas públicas, em momentos específicos, a exemplo das datas comemorativas, o que restringia a atuação apenas aos momentos em que se estava presente na escola. Disso decorre a necessidade de um redirecionamento do NEN para a formação dos professores. Com isso, a Pedagogia Multirracial e Popular (PM e P), se fundamenta internamente, a partir dos projetos sistemáticos desenvolvidos nas redes municipais de educação, onde se problematiza as relações sociais e raciais existentes na escola e aponta possibilidades para o tratamento pedagógico destas, na perspectiva da população negra. Com tal dimensão, o NEN compreende a pedagogia em tela articulada com a educação popular, cuja dimensão nasce nas lutas dos negros no Brasil. Assim,

*Quando o Núcleo de Estudos Negros/NEN insere a denominação Pedagogia Multirracial o termo “Popular”, compromete-se com a construção de uma escola pública que privilegia a história e as culturas das populações que constituem a sociedade brasileira, seus valores, formas de agir e sentir onde a vida cotidiana dos grupos étnicos, raciais e culturais seja à base do conhecimento curricular. Significa também, o firme compromisso com um projeto de profundas transformações sociais, na luta contra toda forma de injustiça, de opressão e de exploração econômica,*

---

<sup>43</sup> Cf. entrevista concedida.

<sup>44</sup> Entrevista concedida.

*humana e social. Implica, sobretudo, na reapropriação dos saberes, do pensar e do fazer pedagógico das culturas e histórias dos grupos oprimidos.*<sup>45</sup>

Diante deste conjunto de processos políticos, culturais e sociais a Pedagogia Multirracial e Popular elabora como seus princípios político-pedagógicos:<sup>46</sup>

- 1. Tem a luta contra o racismo como um princípio político pedagógico;*
- 2. É uma pedagogia em construção coletiva;*
- 3. Concebe que a realidade social brasileira é multirracial;*
- 4. Declara e denuncia a existência da raça do racismo como construção político-social;*
- 5. As pessoas são o centro da relação pedagógica;*
- 6. A vida cotidiana dos grupos étnicos, raciais e culturais é a base dos saberes curriculares e das relações pedagógicas, valorizando a visão de mundo das várias matrizes culturais da história do negro, desde a África até os dias atuais;*
- 7. Explicita as contradições sociais, as relações raciais e as desigualdades na sociedade brasileira;*
- 8. Está centrada na pesquisa e na autoformação de educandos e educadores;*
- 9. Entrelaça distintos campos das ciências humanas como antropologia, sociologia, psicologia, política, etc.;*
- 10. Faz uma leitura crítica e contextualizada do mundo, de nossa realidade e da Educação no Brasil e no mundo;*
- 11. Atravessa e problematiza outras formas de intolerância, discriminações e preconceitos como que afetam as relações de gênero, e a livre orientação sexual, a xenofobia e o sexismo;*
- 12. Educação como um projeto político de transformação das injustas estruturas sociais e como projeto pleno de libertação humana, contra toas as formas de opressão e exploração.*

Considero que o NEN, organização negra catarinense, vislumbrou na proposta pedagógica carioca elementos, que conduzisse sua prática educativa, alicerçada por um desejo desde seu nascimento de transformação social. Como pude demonstrar sua trajetória histórica é alimentada por um processo eminentemente coletivo, sem deixar de considerar diferentes formulações que circulam o tecido social. Porém, é evidente que para chegar a formulação de sua proposta pedagógica orientou-se pelos seus próprios processos de intervenções políticas, sociais e educacionais, como uma organização do Movimento Negro ao sul do país.

<sup>45</sup> PASSOS, Joana Célia dos. Discutindo as relações raciais na estrutura escolar e construindo uma pedagogia multirracial e popular. In: NEN. *Multiculturalismo e a pedagogia multirracial e popular*. Florianópolis/NEN, nº 8, 2002, p. 30 (Série Pensamento Negro em Educação).

<sup>46</sup> Em 2002, no citado caderno da série Pensamento Negro em Educação, número 8, se sistematiza os princípios iniciais da pedagogia, constituindo-se de 13 pontos, que se diferenciam um pouco desta formulação divulgada no Encontro Nacional Negros e Educação.

Desta forma, evidenciei inúmeros elementos de formação, formulação, concepção e construção que leva esta organização a adjetivar seu projeto político educacional como Pedagogia Multirracial e Popular, buscando ir além daqueles elementos advindos da pedagogia Multirracial carioca. Em Florianópolis, tal pedagogia também é circunstanciada pelo combate ao racismo, entendido como elemento dinâmico da dimensão social, prática que perpassa pelas estruturas individuais, grupos e categorias nos mais diversos espaços.

Nesta análise pude compreender que a Pedagogia Multirracial e Popular se estrutura como um projeto político de sociedade, tendo como base o associativismo e o espírito comunitário construído no processo histórico da população negra. Desta forma, em suas elaborações pedagógicas o popular toma esta dimensão de construção dos primeiros processos engendrados pelas experiências vividas desta população.

### **Considerações Finais**

Cada uma das proposições analisadas vai enfrentar, em seu tempo e espaço diferenciados, singulares desafios. Como proposições de uma pedagogia do Movimento Negro, elas vão servir para de um lado exigir um trabalho de refinamento e ampliação de cada um de seus significados, por outro como instrumento teórico-metodológico apresentado aos sistemas de ensino no diálogo e no desenvolvimento de ações voltadas, por exemplo, para a implementação da lei 10639, em vários municípios no estado e do país.

Pude no decorrer destes trajetos históricos analisar que, estes diferentes processos, ajudam em discutir os limites do próprio sistema educacional, pois ele por sua dinâmica própria tem dificuldades em absorver outras proposições, que não aquelas hegemônicas, e advindas do movimento social como um todo. Por diferentes caminhos, diferentes referenciais teóricos, políticos e sociais, o papel de cada pedagogia têm sido problematizar os sistemas, quando discute raça, gênero e demais processos identitários e culturais provocados pela sociedade civil. Neste sentido, tais pedagogias se comprometem com a reconstituição das diferentes identidades como um projeto político alternativo ao caráter excludente destes sistemas.



## RESUMO

O presente trabalho é um aprofundamento, iniciado no mestrado em Educação, sobre o pensar e fazer pedagógico de entidades do Movimento Negro (MN) no Brasil, que nomearam como pedagogia os modelos que norteiam seus projetos de educação para o Brasil. Este tema mostra-se relevante na medida em que almejo superar o desconhecimento na sociedade e na história da Educação de propostas pedagógicas desenvolvidas pelo Movimento Negro. Investiga-se a Pedagogia Interétnica, em Salvador, a Pedagogia Multirracial, desenvolvida no Rio de Janeiro, por Maria José Lopes da Silva e um grupo de educadores, na década de 80, do século XX. Como também seu desdobramento, no século XXI, na elaboração da Pedagogia Multirracial e Popular, no estado de Santa Catarina, pelo Núcleo de Estudos Negros (NEN), entidade do MN da capital. A pesquisa tem como referencial teórico-metodológico uma perspectiva sócio histórica, considerando os sujeitos, suas origens e as relações sociais, que se estabeleceram em suas trajetórias de vida militante e intelectual. Esta visão histórica será combinada com o uso da História Oral temática, como possibilidade de aprofundar os significados do universo cultural e político dos integrantes deste movimento e seus reflexos nas políticas educacionais no Brasil. Mediante a esta proposta de sistematização das pedagogias desenvolvidas pelo MN, procuro contribuir no avanço do debate sobre as relações raciais, a cultura e história da população negra, que se verificam no âmbito da Educação brasileira contemporânea e que continuam a produzir exclusão e desigualdades das mais variadas formas.

**Palavras Chave:** Movimento Negro; Negro e Educação; Pedagogia Interétnica; Pedagogia Multirracial; Relações Raciais.

## ABSTRACT

The present work is a deeper approaching, started in our Education MsC thesis, about thinking and doing educational entities of the Black Movement (BM) in Brazil, which appointed as teaching models that guide its educational projects for Brazil. This theme shows up in that relevant crave overcome the knowledge society and the history of education educational proposals developed by the Black Movement. Investigates the Interethnic Education in Salvador, the Multi-Ethnic Education, developed in Rio de Janeiro, by José Maria Lopes da Silva and a group of educators, in the 80s of the twentieth century. As well as its deployment in the XXI century, in the preparation of Pedagogy and Multiracial People in the state of Santa Catarina, the Center for Black Studies, the entity's BM headquarters. The research has a social and historical theoretical-methodological perspective, considering the subject, its origins and social relationships, they settled in their life trajectories activist and intellectual. This historical overview will be combined with the use of oral history theme, as the possibility of deepening the meanings of the cultural and political members of this movement and its impact on educational policies in Brazil. Through this proposed systematization of pedagogies developed by MN, seek help in advancing the debate on race relations, culture and history of the black population, which occur within the contemporary Brazilian Education and continue to produce more of the exclusion and inequalities varied forms.

**Keywords:** Black Movement; Negro and Education; Interethnic Pedagogy; Multiracial Pedagogy; Race Relations.